

20.01.22  
→ 22h030

T

A

G

V

POESIA

# declAMAR

## Poesia

GIN E OUTROS ESPÍRITOS (POEMAS ETÍLICOS)



O coletivo declAMAR Poesia, Vanda Ecm, Olga Coval, Catarina Matos, Lurdes Telmo e Rui Amado, têm em comum o gosto pela poesia e têm vindo a fazer leituras partilhadas, num ambiente intimista, criando assim um espaço informal de encontro com pessoas de gostos afins.

Definido um tema, selecionam autores e poemas, organizam um alinhamento com cinco ou seis rondas e desafiam o público anónimo a aparecer. Todas as sessões representam um estímulo para passar o serão em convívio num ambiente literário informal. No final é lançado um repto aos membros do público, o microfone aberto: uma possibilidade de vencer a timidez e dizer poesia própria ou alheia em palco.

**curadoria e leitura dirigida por** Catarina Matos, Lurdes Telmo, Olga Coval, Rui Amado e Vanda Ecm  
**Coordenação** Luísa Lopes, Marisa Santos

**Local** Café TAGV **Duração** aprox. leitura dos poemas selecionados) + microfone aberto **Entrada** Livre (lotação limitada)

## I VANDA ECM (Benilde ao Balcão 1 (Manuel de Freitas)

Valerá a pena uma voz vária?  
Benilde está ao balcão, repara nas moscas  
pulando ao acaso num canto desvanecido,  
e os homens - mudos e sonolentos -  
dão à taberna um sepulcral prestígio  
que em certos dias me apraz.  
Envelhecemos todos, com vocação  
ou sem ela. Não sei se as moscas também,  
indiferentes a uma pergunta errada.

Mas eis que alguém canta um fado,  
estando Benilde ao Balcão.  
Talvez só então me aperceba de  
que a tristeza é um luxo, impossível  
um poema nos tempos que correm  
ou param. Benilde ao balcão saberá?

Vou omitir por piedade a inércia  
gutural do que ouvi, pronto motivo  
para que outros se levantassem também  
- subitamente fadistas por obrigação  
ou desforra. Sai -lhes da reforma pequena  
uma voz destruída pelo álcool, inter -  
mitente, capaz ainda assim de vislumbres  
de sabedoria: «a vida é uma estória  
e a estória é mentira».

Benilde, ao balcão, não se pronuncia.  
Nasceu mulher, e ainda por cima existe  
(não veio da peça de teatro que tornou  
literário o seu nome). Aqui quem actua

são eles, frutos disformes de uma «alma nacional» que subscrevemos sem pensar muito. Depois dá nisto: brando desespero com quase vergonha de o ser.

Acendem -se na tarde as perdidas coisas, imunes ao fado e às moscas e a tudo. Quem pudesse remediar o defeito grave deste existir lodoso, sem comunhão à vista. Enobrecê-lo, pelo menos. Mas não, apesar de tudo. Benilde é a imagem estóica - embora desconheça o termo - de um reino que não pôde ser, por excesso de dor ou por nada.

Não é por conveniência retórica que o confundo com uma taberna onde as paredes, o urinol exíguo, a demitida luz, me lembram de ti ou da morte. Estamos todos aqui, acontece. Até que me interrompam, do lado de fora do poema, para me dizerem com o rosto chagado e incerto que «não vale a pena pensar nessas coisas».

Poder -se -ia suprimir o complemento directo, se não fosse deselegante sujar de gramática o que é lição pura de desespero. Dou -lhe um cigarro, mais não posso dar - e não é culpa minha a consternação quando uma mulher, destroçada embora, entra num reduto de decadência viril. Se perdoam Benilde é porque está ao balcão.

Por quanto tempo não sei. Lá fora o trânsito e os rostos tingem -se de irreabilidade, vistos deste reino que não chegou a sê -lo. O relógio há tantos poemas parado não sustém o tempo homicida, e um dia a praça das Flores será um ameno lugar de chacina privado de bêbados como eu.

**OLGA COVAL – Fan - versos futuristas feitos a um «menino» futurista (Mário-Henrique Leiria)**

Colarinho alto, aspecto de sisudo.  
Casaco muito grande  
E largo;  
Parece um sobretudo.  
Cabeleira farta e abundante.  
Passada muito forte  
E olhando  
Para todos com ar muito importante.  
alça fina, tão fininha que até  
Não chegamos a saber

Como passou p'lo pé  
E depois disto tudo, Não me dirás quem é?  
É o «fan». O «menino bem».  
Lá vai ele.  
Clik, Clik, Clik.  
(a sola é grossíssima e protectora tem)  
Para onde vai?  
P'ró «garden party» ou talvez  
vá beber um cock tail.  
E também é provável, desta vez  
Que vá dançar o «swing» p'ró estoril.  
E as meninas,  
Quando passa,  
Dizem, puxando uma fumaça do cigarro:  
– Como ele vai «varil»  
E assim vive este micróbio  
Que, lentamente,  
Nos envenena a todos.  
O que nos vale  
É que ainda há tabernas,  
Homens Verdadeiros  
E vinho tinto  
A jorrar a rodos.

**CATARINA MATOS – Gin sem tónica  
(Mário Henrique-Leiria)**

Uma garrafa de gin  
estava a preocupar  
o pescador  
a garoupa e o rodovalho  
não tinham aparecido  
pró jantar  
que fazer?  
telefonou ao ministro  
da Pesca e do trabalho  
mas o ministro  
estava a trabalhar  
na cama  
com a mulher  
foi então  
que a garrafa de gin  
sugeriu discretamente  
porque não  
telefonar ao presidente?  
telefonaram  
o presidente da nação  
estava em acção  
na cama  
com a mulher  
nessa altura  
até que enfim  
encontraram a solução  
o pescador  
foi para a cama  
com a garrafa de gin

**LURDES TELMO – Justerini & Brooks**  
**(Rui Knopfli)**

**RUI AMADO – Epígrafe**  
**(Pedro Santo Tirso)**

Bebo porque gosto de beber.  
Bebo porque está calor.  
Bebo porque está frio.  
Bebo porque estou com amigos.  
Bebo porque estou sozinho.  
Bebo para matar a sede.  
Bebo porque estou vivo.  
Bebo para fugir.

Bebo porque, para mim,  
beber nunca é só beber.

Bebo para  
Ser eu próprio.  
Vivo perdido

**II**  
**VANDA ECM A Invenção dos Descobrimentos - fragmento histórico**  
**(Mário Henrique-Leiria)**

Toda a gente sabe que foi o infante D. Henrique que inventou os descobrimentos.  
Está na História e parece que foi a uma sexta-feira.

Muito bem.

Mas o que geralmente não é conhecido é a contribuição preponderante que  
Avelino Benevides SAGRES deu a tal acontecimento.

Passamos a explicar.

Avelino Benevides SAGRES, além de ser fabricante de cerveja, era também  
professor primário. Se prestarmos a devida atenção ao encadeamento lógico de  
tais profissões, fica clara a imagem da invenção dos descobrimentos.

Assim, foi que o pai de D. Henrique o levou à escola do senhor SAGRES, era ele  
ainda infante, para aprender a ler e, se possível, também a escrever.

O senhor SAGRES tinha a escola instalada com fino gosto e com excelente WC,  
onde costumava mijar. Coisas. Daí o local ter ficado conhecido, mais tarde, por  
Ponta de (ou do) SAGRES.

A escola de SAGRES era toda coberta, para proteger devidamente o fabrico da  
cerveja. No entanto, tinha uma desvantagem: não se via nada lá dentro e, por  
isso, o senhor SAGRES só fabricava cerveja preta.

Ora tendo que ensinar a ler, e talvez a escrever, ao infante D. Henrique, ficou  
altamente preocupado com a falta de luz. Que fazer? Foi quando o menino, com  
brilhante inteligência que já então lhe era peculiar, subiu ao telhado e, com o  
cabo de uma vassoura, partiu várias telhas para descobrir o telhado em alguns  
lugares. Estavam inventados os descobrimentos.

O infante D. Henrique aprendeu a ler e a escrever, como todos sabem pela História. Além disso, o senhor SAGRES pode passar a fabricar também cerveja branca, o que só trouxe benefícios ao país.

Foi a uma sexta-feira, como já dissemos.

É por isso que O COISO sai às sextas-feiras.

## II

### **OLGA COVAL – Deus e o vinho (Sérgio Godinho)**

Consta que Deus  
enamorado  
pela uva que criava  
a pisou, a perceber  
se aquilo que destruía  
noutra coisa renascia.

Consta que a Deus  
num bago de uva  
se fez luz do que gerava  
que a matéria fermentava  
e se o pão já dera ao trigo  
seria injusto castigo  
e comezinho  
não dar à videira o vinho.

Consta que Deus logo viu.  
Fiz a terra e fiz os seres  
perdi-me quase em deveres  
a fim de o mundo ser mundo –  
mas se der por findo o vinho  
poderia pôr-me a caminho  
entre socalcos, ramadas,  
para enfim dormir profundo  
na mais doce das pousadas.

## II

### **CATARINA MATOS – Oiça Lá Ó Senhor Vinho (Alberto Fialho Janes)**

Oiça lá, ó senhor vinho  
Vai responder-me, mas com franqueza  
Por que é que tira toda a firmeza  
A quem encontra no seu caminho?  
Lá por beber um copinho a mais  
Até pessoas pacatas, amigo vinho  
Em desalinho  
Vossa mercê faz andar de gatas!  
É mau o procedimento  
E a intenção daquilo que faz  
Entra-se em desequilíbrio  
Não ha equilíbrio que seja capaz  
As leis da física falham  
E a vertical de qualquer lugar  
Oscila sem se deter e deixa de ser prependicular

Eu ja fui, responde o vinho  
A folha solta a bailar ao vento  
Que o raio de Sol do firmamento  
Me trouxe à uva doce carinho  
Ainda guardo o calor do Sol  
E assim eu até dou vida  
Aumento o valor seja de quem for  
Na boa conta, peso e medida  
E só faço mal a quem me julga ninguém  
Faz pouco de mim  
Quem me trata como água  
É ofensa paga, eu cá sou assim  
Vossa mercê tem razão  
É ingratidão falar mal do vinho  
E a provar o que digo  
Vamos, meu amigo, a mais um copinho  
Eu ja fui, responde o vinho  
A folha solta a bailar ao vento  
Que o raio de Sol do firmamento  
Me trouxe à uva doce carinho  
Ainda guardo o calor do Sol  
E assim eu até dou vida  
Aumento o valor seja de quem for  
Na boa conta, peso e medida  
E só faço mal a quem me julga ninguém  
Faz pouco de mim  
Quem me trata como água  
É ofensa paga, eu cá sou assim  
Vossa mercê tem razão  
É ingratidão falar mal do vinho  
E a provar o que digo  
Vamos, meu amigo, a mais um copinho

## **II**

### **LURDES TELMO – Meu Álcool (João de Cabral Melo Neto)**

Marques Rabelo garantia  
que bêbado era quem bebia  
por se inventar duplo motivo:  
sentir-se invivo ou sobrevivivo.

Querer-se lúcido, acordar,  
ser todo o agudo que nele há,  
ser quando está de todo aceso,  
tem o ser na ponta dos dedos.

Ou estar num ser tão extreme  
que ser é insuportavelmente,  
que ser é estar-se num incêndio  
e sentir-se esse incêndio sendo.

Por isso, é que o bêbado bebe:  
porque triste quer ser alegre,  
e bebe porque chega a demais  
a alegria de que ele é capaz.

Um pôde achar álcool melhor,  
não tóxico, sem qualquer depois,  
um álcool que não tem veneno  
nem contém amanhã de inferno.

Que, se é preciso, apaga o incêndio  
e se é preciso, vem e acende-o;  
um álcool que possui duas pontas,  
que age a favor como age contra,  
nem precisa que alguém lhe diga  
quando dar mais ou menos vida  
(como lâmpada do escritor russo,  
põe o quarto aceso ou escuro).

Mais: que não se bebe, contempla;  
é um álcool para a convivência,  
álcool que dá a chama e o sopro  
com tê-lo ao alcance do corpo.

Esse álcool não é de vender:  
ninguém engarrafou um ser.  
É álcool sem quando, sem onde,  
de perto, ou pelo telefone.

Vê-lo e usá-lo foi de imediato:  
depois de álcoois mais variados,  
da familiar cana de cana  
de suas várzeas pernambucanas,

viajou por outros tão diversos  
(os de Appolinaire, o dos versos)  
que até empregou como bebida  
o fluido ambíguo de Sevilha.

E de nenhum deles renega:  
nem das úlceras que eles legam  
nem da intestina hemorragia  
em hospitais ao fio da vida.

Se a um novo álcool se entregou,  
se o vê como álcool superior,  
não foi por causa de conselho,  
prescrição de médico, ou medo.

É que no novo álcool de agora  
pode alcançar mais alta quota  
de álcool na vida, e é mais contínua  
a vida que acende, e seu clima:

um clima mais claro, e tão limpo  
como toalha ou lençol de linho,  
e ao mesmo tempo tão intenso  
de um ser vivo vivendo pleno.

(E isso, só, com a convivência  
de mulher, com a nua presença  
de mulher, que como Sevilha  
é interna-externa, é noitedia.)



## **RUI AMADO – Por um Copo de Vinho (José Fanha)**

Por um copo de vinho te diria  
onde o mundo começa e se dilata  
onde a veia rebenta e se desata  
a fonte da ternura e da alegria.

Por um beijo azul por uma mão  
dançaria contigo até cair  
na cama maravilha do faquir  
que arranca a luz da lua ao coração.

Eu sei no mar a cor dos laranjais  
e a rota das gaivotas sob a pele  
e tudo te diria, pão e mel  
por um copo de vinho e pouco mais

### **III**

## **VANDA ECM – Vou Dar de Beber à Dor (Alberto Fialho Janes)**

Foi no Domingo passado que passei  
à casa onde vivia a Mariquinhas,  
mas 'stá tudo tão mudado  
que não vi em menhum lado  
as tais janelas que tinham tabuinhas.  
Do rés-do-chão ao telhado  
não vi nada, nada, nada  
que pudesse recordar-me a Mariquinhas,  
e há um vidro pregado e azulado  
onde havia as tabuinhas.  
Entrei e onde era a sala agora está  
à secretária um sujeito que é lingrinhas,  
mas não vi colchas com barra  
nem viola, nem guitarra,  
nem espreitadelas furtivas das vizinhas.  
O tempo cravou a garra  
na alma daquela casa  
onde as vezes petiscavamos sardinhas  
quando em noites de guitarra e de farra  
estava alegre a Mariquinhas.  
As janelas tão garridas que ficavam  
com cortinados de chita às pintinhas  
perderam de todo a graça  
porque é hoje uma vidraça  
com cercadura de lata às voltinhas.  
E lá p'ra dentro quem passa  
hoje é p'ra ir aos penhores  
entregar ao usurário umas coisinhas,  
pois chega a esta desgraça toda a graça  
da casa da Mariquinhas.  
P'ra terem feito da casa o que fizeram  
melhor fora que a mandassem p'rás alminhas,  
pois ser casa de penhores  
o que foi viveiro d'amores  
é ideia que não cabe cá nas minhas  
recordações do calor

e das saudades. O gosto  
que eu vou procurar esquecer  
numas ginginhas,  
pois dar de beber à dor é o melhor,  
já dizia a Mariquinhas.

### **OLGA COVAL – A Invenção da Água (Mário-Henrique Leiria)**

Como muito bem se sabe, no princípio não havia água.  
Só havia o verbo.  
Depois apareceram o sujeito e o complemento direto.  
Mas de água, nada.  
Então todos começaram a beber vinho e deus achou que era bom.  
E lá isso era!

No entanto, com o aparecimento das primeiras culturas  
do tipo comercial, tornou-se evidente  
a falta de qualquer coisa  
que pudesse aumentar a produção do vinho  
e torná-lo mais rentável.

Era a água, claro.

Mas não havia água, como já fizemos notar.  
As primeiras pesquisas,  
então ainda bastante primitivas,  
levaram à descoberta da água-pé.

Embora curiosa, essa descoberta não resolveu,  
de forma alguma, o fim pretendido.  
Continuava a não haver água. As pesquisas prosseguiram.

Felizmente o homem é assim, nunca desiste.  
É isso que faz o progresso.  
E largos tempos passados chegou-se a nova descoberta:  
a aguardente.

Era melhor, não duvidemos, mas realmente não era o desejado.  
Faltava a água. Definitivamente.  
As civilizações pastoris, no seu nomadismo constante,  
descobriram, acidentalmente, a água-bórica que,  
aliás, nunca serviu para nada. Coisas de nómades.

Foi então que no seio das culturas orientais  
mais avançadas tecnologicamente,  
surgiu a grande invenção:  
um misterioso pó branco que,  
deitado em mínima quantidade num litro de água,  
o convertia,  
quase milagrosamente,  
num litro de água.

**ESTAVA INVENTADA A ÁGUA**

Inicialmente rara e só usada para fazer vinho,  
tornou-se no entanto com o desenvolvimento industrial,  
bastante acessível e abundante.

Ergueram-se os primeiros lagos,  
deu-se início aos rios pequeninos e,  
finalmente surgiram os rios maiores,  
aqueles muito grandes,  
que consta várias pessoas já terem visto por aí.

Este progressivo desenvolvimento líquido  
teve como consequência  
o aparecimento de poderosas civilizações marítimas,  
que se desenvolveram de tal maneira que nos puseram  
no brilhante estado em que nos encontramos.

É o que fazem as invenções.

No entanto, e mesmo com a atual abundância,  
não devemos abusar, dada a tremenda  
explosão demográfica que se está registando.

Parece-nos mais prudente beber gin.  
Sempre

**CATARINA MATOS – Outono para 37 versos (Mário Henrique-Leiria)**

**LURDES TELMO – Saudade (Pedro Santo-Tirso)**

**RUI AMADO – Debaixo do Vulcão (Carlos de Oliveira)**

Malcolm  
Lowry: vivo  
mal como Lowry,  
bebo  
bem como Mal-  
colm, como  
mal como  
Malcolm  
come:  
álcool  
Malcolm, al  
coolm,  
ó  
alcolmalcolm,

II  
ó frígida  
tequilla  
no sopé do vulcão  
por onde  
o vulnerável cão  
do espírito  
ladra  
e lavra  
a essência  
recôndita

do álcool:  
conte-a  
a bebidíssima  
exigência

III  
do meu  
último copo,  
sempre o último,  
cante-a  
o ex-extinto  
vulcão  
e por instinto  
o vulnerável  
cão,  
ou plante-a  
o próprio Lowry,  
frágil,  
entre lava  
e neve:

IV  
tépido mescal  
para inventar  
a mescaligrafia  
gémea do som  
ou da sombria  
pauta musical  
onde as notas florescem  
em breves,  
compactas corolas,  
e hastes  
que sobem, descem  
esguiamente  
os degraus  
dum jardim,

V  
enquanto  
os índios passam  
depressa  
mas de pedra,  
ficam  
antepondo-se  
ao norte  
que fabrica  
os países  
com vidro,  
com vinho, com visões  
de videiras vitais  
debaixo  
do vulcão,

VI

ó tépida tequilla,  
existe ainda  
o amor  
e o vulnerável cão  
do espírito  
que lavra  
cada palavra  
oculta  
por pudor  
e a ladra  
inutilmente  
dentro  
da garganta  
vazia,

VII

frígido mescol  
como um galope  
na floresta

de vinho e vidro,  
filtro  
litro a litro,  
animal,  
animais,  
e mais e só  
o dorido espírito  
do álcool,  
Malcolm,  
entre neve  
e lava:

VIII

os índios passam,  
bebo, ficam  
na sombria  
pauta musical,  
e o vulnerável cão  
do amor  
sossega pelo menos  
um instante,  
enquanto  
os índios  
sobem, descem  
esguiamente  
os degraus  
das pirâmides.

#### IV

#### VANDA ECM – El salsero (Manuel de Freitas)

Os homens são assim. Bebem de mais,  
cantam, esconjuram a morte  
chamando-a para mais perto — e ela vem.  
É uma ciência nocturna, a dos  
homens, enquanto copos e garrafas  
martelam sobre o balcão  
os compassos de uma música sem saída.

É tão triste às vezes saber  
que «à sombra do milho verde  
namorei uma cachopa» — ou  
pedir ao rosto de ninguém  
que nos beije muito, como se fosse  
esta noite a última vez...

Tão triste, numa noite realmente  
última, lembrar outra vez os amigos  
que hoje aqui não estão por terem  
bebido mais depressa o mesmo copo  
letal que nos afasta da morte...

Amores, desamores, injúrias  
palavras vizinhas dos punhais.  
Coisas que os anos foram sepultando,  
quase com doçura ou escárnio.

Porque os homens, quando bebem,  
conhecem imensamente a loucura,  
sentem nos ombros mais velhos  
o peso insidioso da melancolia.  
E não é fácil de ver, tanta dor.

Isso mesmo que certas canções  
ou a névoa do haxixe nos fazem esquecer  
por breves instantes uma vida inteira.  
Isso mesmo, ainda, que na derrota  
de um sorriso se confunde com o  
sudário dos dias. Porque dentro destas  
quatro paredes, sabíamos bem, era  
proibido amanhecer. Só muito mais tarde,  
já sem alma nem dinheiro, os corpos  
voltariam a rastejar para a  
maldição da luz. Com uma canção  
mais fria a escurecer-lhes os lábios.

Empalidece agora o sorriso do gusano  
na parede, ferem mais as palavras  
sem rnesura de Chavela Vargas  
e a certeza subitamente real deste último  
trago entre os últimos da festa.  
As garrafas de várias cores não voltarão  
A derramar o seu cálido perfume  
e há, talvez, um mapa de afectos que  
soçobra, um poema que ninguém escreveu.

Mas a perdição continuará, noutros

sítios, em casa de gente que morre e entristece de tanto viver. Os dolorosos amigos. Existirá sempre um vinho forte a alimentar o epicentro do pânico, aí onde apenas o vazio tem mãos capazes de nos amparar na queda.

O que não lemos, o que não amámos, os países que desconhecemos — tudo isso ficará dentro destas paredes condenadas à destruição e às prepotentes razões do lucro. Perder — eis a nossa vocação, a única. Com um relâmpago de sombra nos olhos apagados.

O teu amigo, porém, regressa — abre pela última vez a porta larga do inferno e anuncia para a escuridão dos rostos que «já é dia». Finge também ele sorrir, perder de pé. Porque há evidências inaceitáveis, manhãs de metal que nos surpreendem vivos.

Só no táxi abraçamos a certeza do fim, agora mais palpável, e o dia demolido que nos espera. Há horas assim — de que a própria morte se apiedaria, se tivesse tempo. Uma canção que regressa só para nos dizer que a perdemos, que é tão tarde o corpo.

### **OLGA COVAL – O Bar (Joaquim Pessoa)**

Andei com Maiakovsky a servir sumos de ananás num Bar de putas. Por essas noites, a noite cheirava a mijo e a ódio. Sim, a mijo e a ódio. Um homem costumava entrar e perguntar pelo seu irmão. Nunca estava. O seu irmão nunca estava e, então, o homem desaparecia sem mais interrogações. Um dia houve uma guerra num vaso de flores e na noite desse dia o Bar fechou. Reabrimos na noite seguinte muito orgulhosos da nossa guerrazinha que continuava, mas agora de certo modo longe do nosso local de trabalho. Voltámos a servir sumos de ananás regularmente. Maiakovsky não usava meias desde a guerra e as putas quase sempre comentavam isso. Constou nessa altura que tinha morrido como um valente o homem que costumava entrar e perguntar pelo seu irmão. Confirmámos isso quando o irmão dele passou a frequentar o Bar sem fazer uma única pergunta.

De vez em quando tínhamos de pôr fora os clientes que se embebedavam. Alguns, no auge da noite, pretendiam ser Deus, outros, faziam discursos que irritavam os chulos diziam coisas tremendas e um deles era um general de cavalaria que ao terceiro copo já queria vender as esporas. No último verão houve a crise do ananás e passámos a servir batidos de morango. As putas adoravam. Maiakovsky olhava de soslaio umas vezes, outras, pelo cantinho do olho e fazia-me sinais. Eu levantava geralmente os cinzeiros e as gorjetas Enquanto ele passava um pano húmido Pelo tampo das mesas. Dividíamos desta maneira o nosso trabalho porque ele era alérgico ao cheiro das notas e a mim dava-me prazer ajudá-lo no que pudesse. Uma tarde veio num jornal que ele tinha morrido. Nem ele próprio acreditou. Ficou desiludido, muito desiludido mesmo e confessou-mo. Não chegou a haver entrevistas, fotógrafos, nada. Ele fez as malas calmamente (e, no entanto, esqueceu-se de uma gravata), abraçou-me e partiu com lágrimas nos olhos. Então, sozinho, abri o Bar apenas uma ou outra noite em que senti saudades. Por vezes entravam turistas americanos que me ofereciam somas terríveis pela cadeira onde ele costumava sentar-se nos nossos dias de folga. Quase nunca chegava a responder. Eles percebiam o meu olhar e não diziam nada, não insistiam mais. O mesmo acontecia com as putas, que deixaram de fazer-me perguntas. Creio que agora estou desempregado. Fechei o Bar definitivamente. Muita coisa mudou embora as noites continuem hoje a cheirar a mijo e a ódio. Faleceu o general que negociava as esporas ao terceiro copo, Deus caiu abaixo da sua bebedeira, e eu acabei por vender a cadeira do meu camarada que está agora algures no Colorado atrás de uma secretária num Boss Office de uma fabriqueta de pastilha elástica. Estou mais novo e vou sobrevivendo a todas estas recordações. Mas quando agora saio por aí, de noite, roído de saudades,



já nem mesmo as putas,  
as mesmas putas,  
me reconhecem.

**CATARINA MATOS – Concerto às 15h30 e um Copo de Vinho  
(Mário Henrique - Leiria)**

**LURDES TELMO e RUI AMADO – Festa na Embaixada Italiana  
(António Cabrita)**

**V  
VANDA ECM – Tiro a roupa ao mesmo tempo que abro uma cerveja  
(Vera Pedroso de Lima)**

Tiro a roupa ao mesmo tempo que abro uma cerveja  
vou largando a roupa e agarrando a cerveja  
O cão olha expectante  
ou por que tiro a roupa ou porque bebo cerveja  
Os cães sabem que as mulheres não bebem cerveja  
nem tiram a roupa com raiva.  
Todos os cães sabem.

Aprecio o corpo e a cerveja  
Um mais que o outro  
porque um mais fresco

o cão desiste. Aninha-se,  
deita-se.  
Como todos os outros cães  
Não tem preocupações comezinhas.  
É preciso alimentar o cão  
É preciso alimentar todos os cães,  
mesmo os que não percebem  
porque razão tiras a roupa e bebes cerveja.

**OLGA COVAL – P.S. (Mário Henrique-Leiria)**

Encontraram alguém que fosse eu?  
Se encontraram,  
tragam-no para casa  
que já são horas.

**CATARINA MATOS — Sodoma Económica (Mário Henrique-Leiria)**

**LURDES TELMO — Álcool (Mário de Sá-Carneiro)**

**RUI AMADO – Jantar em Alcabideche (João Miguel Fernandes Jorge)**

